

Ser e estar em figuras de acção em textos sobre o vinho

Carla Teixeira & Maria Antónia Coutinho

Abstract:

In this paper, we are dealing with the notion of *action figures* (Bronckart & Bulea 2006; Bulea, 2007; 2009a, 2010). More precisely, we are aiming at analysing how action figures appear in texts where an object (namely, the wine) is developed as the thematic content (unlike the original analysis of interviews with nurses concerning their nursing practice). By developing this research issue, we are also deepening the praxiological approach of texts in sociodiscursive interactionism framework. Action figures appear as macro-units, designed by different segments of discourse types and other linguistic resources. According to the general theme of this WGT, we will focus on segments with occurrences of *ser* and *estar* verbs.

1. Introdução

A noção de *figuras de acção* tem vindo a ser desenvolvida no âmbito do Interaccionismo Sociodiscursivo (ISD), envolvendo trabalho empírico de análise de textos produzidos em actividades distintas (enfermagem, técnica laboratorial e actividade docente). Os materiais analisados tinham em comum o facto de focalizarem o agir, em termos de operacionalização de tarefas em contexto de trabalho. As figuras de acção são entendidas, portanto, como produtos interpretativos que articulam formas de organização enunciativa (formas essas designadas no quadro do ISD como *tipos de discurso*) e o conteúdo temático da ordem do agir (Bronckart & Bulea 2006; Bulea 2009, 2010).

De acordo com a proposta do 10º WGT, pretendemos neste trabalho focalizar a ocorrência de *ser* e de *estar* na constituição de figuras de acção. Começaremos por lembrar a concepção

de tipos de discurso no âmbito do ISD, de forma a podermos introduzir a noção de figuras de acção e apresentar as figuras já identificadas, seleccionando depois, em textos do corpus do projecto Pretexto¹, exemplos em que os valores temporais e aspectuais das formas de *ser* e de *estar* estejam associados à emergência de diferentes figuras de acção – nomeadamente a *acção ocorrência*, a *acção experiência* e a *acção definição*.

2. Tipos de discurso e figuras de acção

Ao contrário do que acontece normalmente no quadro da análise do discurso (e, por vezes, da linguística do texto) – em que os discursos correspondem à contextualização histórica e social dos objectos (linguísticos) que são os textos – no

¹ Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa – CLUNL, 2007-2010.

quadro do ISD os discursos são compreendidos como unidades infra-ordenadas que entram na composição dos textos – entendidos estes, por sua vez, como unidades comunicativas globais, necessariamente associadas a determinada actividade social, de que constituem um representante empírico². Cada texto mobiliza diferentes modalidades de organização – entre as quais a organização discursiva, que nos interessa em particular no âmbito do presente trabalho.

Em primeiro lugar, e sempre de acordo com a perspectiva do ISD, importa salientar que os discursos constituem formas de semiotização linguística de mundos discursivos, que se constituem textualmente, na interface entre “mundos formais” (representações colectivas, organizadas segundo modalidades reguladas pela colectividade em causa) e o “mundo vulgar” do agente implicado (representações individuais, associadas à especificidade da história pessoal e relativas à acção concreta de linguagem e aos conteúdos nela envolvidos). Os mundos discursivos correspondem assim a plataformas de transição entre

duas ordens de representações, individuais e colectivas, e a forma como se constituem pode ser descrita tendo em conta dois tipos de ruptura. Em primeiro lugar, uma ruptura de ordem temporal: ou se verifica correspondência entre as coordenadas temporais da acção de linguagem, no mundo vulgar do agente, e as que são verbalizadas no texto (relação de conjugação) ou, pelo contrário, existe ruptura entre essas mesmas ordens de coordenadas (relação de disjunção). No primeiro caso, estamos na *ordem do expor*, enquanto o segundo caso é da *ordem do narrar*. Estas duas ordens discursivas podem ver-se desdobradas em diferentes mundos discursivos, fazendo intervir uma segunda ruptura, de ordem actorial (ou da agentividade): ou se verifica correspondência entre as instâncias agentivas da acção de linguagem e as que são verbalizadas no texto (relação de implicação) ou, pelo contrário, existe ruptura entre elas (relação de autonomia). Podemos assim considerar, no cruzamento destas duas ordens de operações, quatro mundos discursivos, como mostra o Quadro 1, no seguimento de Bronckart 2008: 71.

² Não desenvolveremos aqui a noção de género de texto. Sobre esta questão, poder-se-á consultar, Coutinho, 2003, Miranda, 2010.

Quadro 1

		Organização temporal	
		Conjunção	Disjunção
Organização actorial		EXPOR	NARRAR
		Discurso interactivo	Relato interactivo
	Implicação	Discurso Teórico	Narração
	Autonomia		

As *figuras de acção* relacionam a forma como são mobilizados nos textos os tipos de discurso, a propósito de um conteúdo temático da ordem do agir. Apresentamos de forma muito abreviada e necessariamente simplificada as cinco figuras de acção identificadas nos trabalhos de referência (Bronckart & Bulea, 2006; Bulea 2007, 2009, 2010):

- *acção ocorrência*: forte grau de contextualização; o agir é captado através de dimensões particulares, específicas (uma pessoa ou uma situação concretas);
- *acção acontecimento passado*: captação retrospectiva de um agir singular (ilustrativo) mas sem relação com a situação de produção de linguagem;
- *acção experiência*: cristalização pessoal de múltiplas ocorrências (do agir), corresponde a uma espécie de balanço da experiência do actante, a partir da des-singularização e des-contextualização de práticas

repetidas (captando características estáveis e/ou muito recorrentes do agir);

- *acção canónica*: o agir é captado sob forma de construção teórica (com validade geral), fazendo abstracção do contexto e das propriedades do actante que a efectua;
- *acção definição*: o agir é captado enquanto objecto de reflexão, na qualidade de suporte e de alvo de uma re-definição por parte do actante.

Embora os tipos de discurso constituam um elemento fundamental no estabelecimento das figuras de acção, o carácter diferencial que as caracteriza só pode ser captado tendo em conta outros parâmetros da representação linguística do agir – nomeadamente o eixo de referência temporal, os valores aspectuais e as marcas de agentividade

(em que se incluem os valores modais)³. Esse aspecto encontra-se descrito para o francês Bulea, 2009:150), como mostra o Quadro 2. No estado actual da nossa investigação, não podemos ainda desenvolver o carácter diferencial das figuras mas teremos, naturalmente, de tomar em consideração os factores que as configuram (diferencialmente).

³ Em Bulea 2009:150 pode encontrar-se uma sistematização desses aspectos, para o francês.

Quadro 2

Carácter diferencial das figuras de acção					
	Ocorrência	Acontecimento passado	Experiência	Canónica	Definição
Tipo de discurso	Disc. interactivo (Disc. relatado)	Relato interactivo	Disc. interactivo	Disc. teórico Disc. interactivo	Disc. teórico
Eixo de referência temporal	Sit. de interacção (eixos locais)	A montante (marcado)	Não delimitado (marcado)	Não delimitado (não marcado)	Não delimitado
Localizações (repérages), formas verbais	Ante., Post., Sim. PRES., PPS, FUT per. (fr.: PRÉS., PC, FTP)	Isocrónicas PPS, IMP (fr.: PC, IMP)	Neutras PRES. GENÉRICO	PRES. GENÉRICO	Formas impessoais « ser »/« ter »
Agentividade	Implicação forte (estatuto de actor) <i>eu</i>	Implicação atestável <i>eu</i>	Implicação + fraca <i>tu, (eu, se)</i>	Neutra <i>se</i>	Nula
Traduzido e adaptado de Bulea 2009, Tableau 2 : Caractéristiques contrastives des figures d'action					

3. Hipótese de trabalho

Como já se referiu, as figuras de acção constituem “produtos interpretativos” que dão conta do que se passa quando os tipos de discurso organizam um conteúdo temático da ordem do agir. Correspondem, portanto, a possibilidades de articulação entre tipos de discurso (como formas de organização enunciativa mobilizadas nas produções linguísticas em geral) e o tema do agir, mobilizado em textos particulares, como é o caso das entrevistas analisadas por E. Bulea (2007; 2009; 2010).

A questão que nos colocamos, no âmbito do presente trabalho mas também como produto da reflexão que vem sendo desenvolvida pela equipa do projecto Pretexto⁴, é a de saber até que

ponto as figuras de acção são (ou não) pertinentes, em textos em que o(s) objecto(s) tematizados não sejam o agir – como é o caso dos textos sobre o vinho que constituem o *corpus* do Pretexto.

De acordo com os pressupostos epistemológicos do ISD, qualquer texto constitui uma *acção*, individual ou conjunta – isto é, um recorte, no curso da actividade social em questão, imputada a / assumida por um actante (ou pequeno grupo de actantes). Parece-nos por isso oportuno pensar como se pode captar a dimensão praxiológica de que qualquer texto participa – e admitimos que a noção de figuras de acção possa contribuir para tal. Reformulando a questão de um ponto de vista (aparentemente) *naïf*: o que faz quem fala ou escreve quando fala ou

⁴ Cf. Leal & Teixeira 2010; Jorge 2010, Pinto 2010, e ainda Peixoto & Leurquin 2010.

escreve sobre um tema como o vinho (por exemplo)?

No percurso deste (breve) trabalho, não desenvolveremos a articulação entre a questão colocada e a problemática dos géneros de texto – embora a análise se desenvolva a partir de três recensões enológicas. Por outro lado, privilegiaremos o tópico proposto para o 10º WGT (estudos sobre *ser e estar*): foram assim seleccionados para análise segmentos das recensões enológicas em que ocorrem formas de *ser* e de *estar*. Assumimos no entanto que a nossa análise não se pode centrar exclusivamente sobre essas formas. É o conjunto dos segmentos em que elas ocorrem que nos interessa observar – procurando verificar, de acordo com a hipótese que acabamos de formular, em que medida se pode estabelecer alguma equiparação relativamente às figuras de acção.

Por razões de espaço, e dada a natureza ainda exploratória do trabalho, considerámos não haver condições para observar todas as figuras de acção –

ficando sobretudo em destaque a *acção ocorrência*, a *acção experiência* e a *acção definição*.

4. Análise

A análise incide sobre exemplos retirados de três recensões críticas enológicas:

— T1: *Colares ressuscitado*, «Notícias Sábado», 20/06/2007 (Anexo 1);

— T2: *Um exemplo a seguir*, «Única», 03/05/2008 (Anexo 2);

— T 3: *Do coração do Dão*, «Must», 04/2010 (Anexo 3).

Nos exemplos analisados, marcaram-se a negritos as formas de *ser* e de *estar*, com sublinhados outras formas e construções relevantes para a análise.

Acção ocorrência (Quadro 3)

<p>Ex. 1 – T1 (...) <i>Com teores alcoólicos baixos, cerca de 12,5%, tanto brancos como tintos, o que é raro nos tempos que correm, e uma imprevista longevidade (pelo menos, dez anos, segundo o enólogo), que sempre caracterizou a região, estes Colares deverão afirmar-se sem dificuldade, até porque terão pouca concorrência, porque só há cerca de 30 outros pequenos produtores, que ocupam entre 15 e 20 hectares. Para já, as produções são baixas, cerca de 1500/3000 garrafas, mas em poucos anos, em velocidade de cruzeiro, deverão atingir as 15/17 mil de branco e outras tantas de tinto. Distribuídas pela Vinalda, estarão apenas em garrafeiras seleccionadas e nos hotéis da Fundação Oriente.</i></p>	<p>Formas de <i>ser, estar</i> e de outros verbos no presente do indicativo e no futuro simples, com valor deíctico, ocorrência de adverbiais de localização temporal (<i>nos tempos que correm, Para já, em poucos anos</i>) também deícticos. Ocorrência de nomes próprios e de retoma deíctico-anafórica (<i>estes Colares</i>). Discurso interactivo (e um curto segmento parentético de discurso relatado). Comentários laterais (um parentetizado) e encaixe de estruturas subordinadas (<i>porque terão... porque só há...</i>) que dispersam a informação. Valores modais epistémicos marcados pelo modal (<i>dever</i>) no futuro do indicativo.</p>
<p>Ex 2 – T2 (...) <i>Destes todos, optei por falar sobre o vinho Alfrocheiro, uma casta que é mais representativa no Dão, mas que agora também se encontra com alguma frequência nos encepamentos alentejanos.</i></p>	<p>Construção temporal deíctica, marcada pelo adverbial de localização temporal (<i>agora</i>) e pelas formas de pretérito perfeito simples e de presente do indicativo. Implicação forte, associada à forma verbal na 1ª pessoa do singular. Discurso interactivo.</p>

Apesar da forte contextualização assinalada, a ligação aos parâmetros da acção de linguagem diversifica-se, nos nossos exemplos: verificando-se a relação directa com a própria acção de linguagem (*optei por falar*, Ex. 2 – T3), predomina um ‘aqui e agora’ lato. De resto, houve necessidade de recurso a dois exemplos porque o primeiro, apresentando globalmente características equivalentes às identificadas para a acção ocorrência, não exibia marcas de agentividade forte. A hipótese de que haja alguma regularidade destes aspectos, em géneros como os que analisamos, só poderá ser avaliada mediante estudos empíricos mais alargados – que poderão também verificar até que ponto alguma

‘desorganização’ característica desta figura, nas entrevistas, se mantém em textos escritos (como parece indiciar o Ex 1 – T1). Mais significativo ainda é o facto de se constatar uma espécie de deslocação para o objecto tematizado (*estes Colares* ou as produções [destes Colares]) do agir que parte necessariamente de uma origem humana: em última análise, é a entidade que lança os vinhos em causa (a Fundação Oriente) que conseguirá afirmar os vinhos, que terá pouca concorrência e que atingirá produções mais altas. Uma vez mais, esta será uma pista a comprovar – e a relacionar com os géneros de texto em causa.

Acção experiência (Quadro 4)

<p>Ex 1 – T2 <i>Encontrar vinhos de qualidade a preços competitivos, é ainda uma tarefa difícil de alcançar em inúmeras adegas cooperativas nacionais. <u>Mas, se por um lado, há ainda</u> muito caminho a percorrer — sim, <u>infelizmente, ainda existe</u> uma maioria de cooperativas a produzir vinhos <u>muito, muito mauzinhos</u> – outras há que se conseguiram destacar. (...).</i></p>	<p>Formas de <i>ser</i> e de outros verbos no presente do indicativo com valor imperfectivo (marcado pela ocorrência do adverbial <i>ainda</i>) – o que determina o mundo discursivo da ordem do expor. Construção de valores modais apreciativos. Implicação agentiva fraca (marcada pelas modalizações apreciativas, com ausência de formas de 1ª pessoa ou de 2ª pessoa que reenviem directamente para o actante). Discurso interactivo. O conteúdo temático é pensado numa perspectiva de balanço/avaliação dos dados – como mostra em particular a ponderação marcada pela condicional <i>se</i>+presente do indicativo (com valor factual), associada ao(s) marcador(es) de integração linear <i>por um lado</i> / [por outro]).</p>
<p>Ex 2 – T1 <i>Com preço anunciado de 13,5 euros, o vinho está muito agradável, encorpado e gastronómico, acompanhando bem <u>vários pratos, desde</u> mariscos e queijos a “foie gras”, elaborados pelo chefe Carlos Martins, do restaurante do hotel Aviz, (...).(T1)</i></p>	<p>Ocorrência do verbo <i>estar</i> no presente do indicativo, assinalando o carácter temporalmente limitado das propriedades atribuídas. A predicação resulta de uma avaliação de dados (<i>vários pratos</i>), cuja exaustividade é sugerida pelo percurso marcado pelos núcleos dos sintagmas preposicionais (<i>desde...a...</i>). Discurso interactivo (conjunção temporal, ocorrência de nomes próprios). Modalidade epistémica (asserção estrita) e agentividade fraca</p>
<p>Ex 3 – T1 <i>Mas a verdade é que <u>o vinho de 2004 está pouco consensual</u>, embora Carlos Monjardino, presidente da Fundação, lhe aprecie o carácter. <u>Já o de 2005</u> provém de vinha nova (a antiga foi totalmente arrancada) e está “fácil de beber”, o que para uns é um defeito e para outros [é] uma qualidade. Eu gostei muito. <u>O de 2006, recém-engarrafado, ainda não teve tempo para mostrar muita coisa, mas promete.</u> (T1)</i></p>	<p>Ocorrência do verbo <i>estar</i> no presente do indicativo, assinalando o carácter temporalmente limitado das propriedades atribuídas. A atribuição de propriedades está associada ao confronto de dados, introduzidos pelos grupos nominais e pelo marcador discursivo <i>já</i> (<i>o vinho de 2004 / Já o de 2005 / O de 2006</i>). Discurso interactivo (conjunção temporal, ocorrência de nomes próprios). Modalidade epistémica (asserções estritas), com ocorrência de um marcador explícito (<i>a verdade é que</i>). As marcas de 1ª pessoa (associadas a uma agentividade forte que não se estende a todo o segmento) entram aqui na lógica de balanço de dados (<i>para uns / para outros / eu</i>).</p>
<p>Ex 4 – T2 <i>(...) Este é, sem dúvida, um vinho que resultou feliz. De cor intensa, é muito aromático, apresentando notas florais, frutadas e algum fumo com a evolução. Na boca, é igualmente frutado e fácil de beber, embora ainda dê a conhecer alguma adstringência que pede comida. Se terminasse mais longo, seria um vinho mais sério, mas, dentro da nova gama de vinhos, é uma agradável surpresa. (...)</i></p>	<p>Ocorrência do verbo <i>ser</i> com valor de identificação em enunciado equativo (<i>este é (...) um vinho que resultou feliz / [um vinho que resultou feliz é este]</i>). Outras ocorrências do verbo <i>ser</i> no presente do indicativo com valor temporal genérico, associado à não delimitação temporal das propriedades predicadas (tendo em conta a oposição aspectual <i>ser/estar</i>, em português). Ausência de marcas directas ou explícitas de agentividade, verificando-se no entanto alguma implicação através da construção de valores modais: epistémicos, em particular o valor epistémico marcado (<i>sem dúvida</i>) e apreciativos (<i>agradável</i>). A implicação faz-se ainda sentir através das escolhas lexicais com orientação axiológica positiva (<i>resultar, feliz, agradável, surpresa</i>). Para além destas formas implicação fraca, impõe-se o discurso teórico: presente genérico; retomas anafóricas (pronominais e elípticas) com significativo papel de coesão textual; raciocínio lógico-argumentativo <i>se</i>+futuro de pretérito; conector argumentativo <i>mas</i>; operador de validade da predicação dentro da nova gama de vinhos. Discurso misto teórico-interactivo.</p>

O primeiro exemplo seleccionado parece claro, do ponto de vista das características da acção experiência, embora esteja na fronteira, relativamente à nossa própria hipótese de trabalho: de facto, o conteúdo temático está mais relacionado com o agir (como na concepção original) do que com o vinho (como é nossa intenção). Uma vez mais, importará verificar se se trata de um caso pontual ou se, pelo contrário, esta figura de acção tende a permanecer associada ao conteúdo temático do agir, mesmo quando o tópico é diferente. Os outros dois exemplos, pelo contrário, aparecem como argumentos fortes para a validação da nossa hipótese: o balanço da experiência própria desta figura resulta aqui, não da repetição de uma mesma tarefa, como nos casos analisados por Ecaterina Bulea, mas do reconhecimento de propriedades estáveis (ou estabilizadas) associadas ao objecto tematizado. No entanto, embora essas propriedades sejam atribuídas aos objectos (nomeadamente, os vinhos), a sua identificação ou avaliação assenta necessariamente na prática reiterada de um agir (o agir do enólogo). Finalmente, o confronto entre os exemplos 2 e 3, por um lado, e 4, por

outro, permite evidenciar uma característica interessante, tendo em conta, em particular, as possibilidades associadas à distinção aspectual entre *ser* e *estar*, em português. Assim, através do uso de *estar*, os exemplos 2 e 3 sugerem uma estabilização não definitiva, veiculando a compreensão contemporânea do(s) vinho(s) como objecto(s) de experimentação e de aperfeiçoamento (que evidencia indirectamente esse agir), ao contrário do exemplo 4, em que as ocorrências de *ser* promovem uma imagem de estabilidade efectivamente conseguida, focalizando assim o objecto. Deste ponto de vista, o exemplo 4 tende a aproximar-se da acção definição, de que nos ocuparemos a seguir.

Acção definição

Constatámos – com as reservas devidas à natureza exploratória do nosso trabalho – uma quase total ausência de exemplos inequívocos de *acção definição* nos textos em análise⁵.

⁵ Veja-se um exemplo retirado um site sobre vinhos, na rubrica *Segredos do Vinho* – A uva (http://www.revistadevinhos.iol.pt/segredos_do_vinho/a_uva_195): “Uva ou bago, de forma redonda, ovóide ou elipsóide, de peso e tamanho variável, de cor verde, amarela, dourada, rosada, rubra, azulada ou preta, geralmente doce e mais ou menos ácida e comestível, *surge* em forma de cacho e é o *fruto da videira*. Dela *se faz* muito e variado vinho”.

Admitimos que esse facto possa estar relacionado com o facto de trabalharmos com recensões enológicas – mas não estamos em condições de o

provar. Em qualquer caso, a acção de definição está presente:

<p>Ex 1 – T3 <i>O vinho é uma memória viva da civilização. É um prazer, como companhia perfeita numa boa refeição, é um sinal de distinção de acordo com a escolha que é feita pelo consumidor mais exigente. Há muitos vinhos disponíveis, mas há alguns que são verdadeiros néctares pelo sabor e pelo aroma que transmitem. (...)</i></p>	<p>Formas do verbo <i>ser</i> e <i>haver</i> no presente do indicativo com valor genérico. Não delimitação temporal das propriedades predicadas (tendo em conta a oposição aspectual <i>ser/estar</i>, em português). Modalidade epistémica (asserções estritas). Agentividade não marcada nula. Discurso teórico (apesar da ‘sequela’ de implicação associada à enunciação metafórica e/ou às escolhas lexicais)</p>
---	---

Como se pode ver, o conteúdo temático é objecto de reflexão, sendo (re)pensado independentemente das circunstâncias específicas da acção de linguagem e, sobretudo, das características ‘canónicas’ do objecto, recuperáveis através de uma “definição” especializada ou de dicionário, por exemplo⁶). Trata-se aqui, efectivamente, de uma reelaboração: o carácter metafórico pode atestar exemplarmente a acção de definição como trabalho simultâneo de conceptualização e de formulação, nunca definitivamente concluído.

5. A concluir

Como dissemos várias vezes, este foi um trabalho de natureza exploratória, que combinou duas vertentes: a

pesquisa sobre a aplicabilidade da noção de *figuras de acção* a textos em que não é tematizado o agir e a (tendencial) focalização sobre formas de ser e de estar (de acordo com o tema escolhido para o 10º WGT). O segundo factor, associado a limitações de espaço e de tempo, levou-nos a reduzir o trabalho sobre o conjunto das figuras identificadas – pelo que não nos referimos à *acção acontecimento passado* nem à *acção canónica*.

Os dados sobre as figuras observadas – ocorrência, experiência e definição – não são conclusivos, mas parecem confirmar que o recurso às figuras de acção permite evidenciar a dimensão praxiológica que, na perspectiva do ISD, caracteriza qualquer produção textual. Um dos resultados que aparece como mais saliente tem a ver com o facto de o agir (conteúdo temático que não prevíamos à partida) reaparecer indirectamente, deslocado para o(s) objecto(s) tematizado(s). Deste ponto de vista, revelou-se também produtiva a focalização sobre *ser* e *estar*: se é sobejamente conhecida a oposição aspectual que caracteriza estes dois

⁶ Veja-se o exemplo seguinte: “Vinho é um produto obtido a partir da fermentação alcoólica total ou parcial de uvas frescas (pisadas ou não) ou do mosto de uvas frescas. É obrigatório que a sua graduação alcoólica seja superior a 8,5%.” (<http://www.infovini.com/pagina.php?codNode=18009>).

verbos, em português, ela aparece aqui como um recurso capaz de alterar tanto a representação do objecto como, indirectamente, a do agir que o produz. Foram certamente mais as questões que foram identificadas do que as respostas ou as conclusões. Mas isso não nos parece problema: afinal, o trabalho de investigação é também uma acção (experiência / definição) nunca definitivamente concluída.

Referências bibliográficas

Bronckart, J-P. & Bulea, E. (2006). La dynamique de l'agir dans la dynamique langagière. In Barbier, J-M. & Durand, M. (orgs.) *Sujet, activité, environnement; approches, problèmes, outils*. Paris : PUF.

Bulea, E. (2009 a). Types de discours et interprétation de l'agir: le potentiel développemental des figures d'action. In *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, nº 3, pp.135-152.

Bulea, E. (2009 b). Quel statut sémiotique pour les entités linguistiques de taille supérieure au mot? Problèmes théoriques et méthodologiques. Encontro Pretexto-FCSH-UNL, Outubro 2009 (apresentação ppt).

Bulea, E. (2010). Linguagem e efeitos desenvolvimentais da interpretação da atividade. Campinas: Mercado das Letras.

Bulea, E. (2007), *Le rôle de l'activité langagière dans les démarches d'analyse des pratiques à visée formative*. thèse de doctorat, FPSE, Univ. de Genève (fotocopiado)

Campos, M.H.C. & Xavier, M.F. (1991). *Sintaxe e Semântica do Português*. Lisboa, Universidade Aberta.

Jorge, N. (2010). *Organização temática em relatos autobiográficos de Alcoólicos Anónimos*. In XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Porto, FLUP, 21-23 de Outubro 2010 (Comunicação oral)

Leal, A. & Teixeira, C. (2010). Da aplicabilidade da noção de figura de acção. Análise de textos de autor. 26º Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, Valencia, 6 a 11 de Setembro 2010 (Comunicação oral)

Mateus, M. H.M. et al. (1989). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa Caminho, pp. 98-102

Peixoto, C. & Leurquin, E. (2010) A construção de um agir reflexivo do professor no espaço de formação docente. XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Porto, FLUP, 21-23 de Outubro 2010 (Comunicação oral)

Pinto, R. (2010). Ação empreendedora: que (re)configuração possível. *Actas do II Encontro Internacional do Interacionismo Sociodiscursivo*. Belo Horizonte, 15-23 de Novembro 2008 (Comunicação oral).